

XVI ENCONTRO DA REGIONAL SÃO PAULO
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL
ABRAPSO

Capitalismo, luta de classes e os desafios para a democracia no Brasil:
implicações para a práxis psicossocial



21 a 23 de abril de 2023
Taubaté (SP)

Realização



Patrocinadora



Apoio



MESTRADO EM
DESENVOLVIMENTO
HUMANO

DEPARTAMENTO
DE PSICOLOGIA



78. Loucura, gênero e raça: o discurso psiquiátrico na Revista Médica de S. Paulo (1898-1914)
Raquel Saad de Avila Morales, Belinda P. Haber Mandelbaum e M ^a Cristina da Costa Marques
<i>Roda 15. História e memória da Psicologia no Brasil: a contínua construção da práxis psicossocial</i>
<p>Esta pesquisa investiga o discurso produzido sobre a loucura na Revista Médica de S. Paulo: jornal prático de Medicina, Cirurgia e Higiene, que circulou, entre 1898 e 1914, no estado de São Paulo, alcançando ainda outras cidades do país e do estrangeiro. Esta revista médica, junto a outros periódicos especializados, instituições médico-sanitárias e eventos científicos, foi um importante objeto da comunidade médica paulista e teve um relevante papel na organização e fortalecimento da categoria, na luta pela regulamentação de sua profissão, nas disputas médico legais frente aos juristas e na própria fundação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1912). Nesse período histórico, os médicos buscavam a legitimação de sua autoridade nos métodos e terapêuticas aplicadas nos indivíduos adoecidos e, preventivamente, na população em geral, na tentativa de moldar uma população produtiva e dócil que auxiliasse na consolidação do Estado nacional brasileiro. A partir da seleção de todas as publicações que dizem respeito à Psiquiatria, Psicologia, Neurologia e Medicina Legal na Revista Médica de S. Paulo, emergiram três temas-chave - Hospício e alienação; Gênero e sexualidade; Raça, crime e leis – e, a partir deles, categorias de análise em que as publicações são descritas e costuradas. A metodologia utilizada baseia-se na historiografia crítica, especialmente no método de investigação da lógica histórica proposto por Thompson (1978/1981), além do uso de ferramentas linguísticas para o exercício de análise do discurso feito nas publicações selecionadas (Krieg-Planque, 2012). A hipótese desdobrada é que o discurso psiquiátrico se estruturou, nessas publicações, em uma avaliação moral de comportamentos sociais considerados desviantes, fundamentada em um padrão de normalidade ancorado na idealização de um modelo de família nuclear burguesa e de uma sociedade inexoravelmente capitalista, em que o rico e o pobre, o homem e a mulher, o branco e o negro deveriam reproduzir papéis sociais prescritos, abstratos e a-históricos, hierarquicamente desiguais. Os médicos, assim, se colocaram como modelo para a produção de uma verdade universal sobre os corpos e comportamentos de pessoas, famílias, grupos e populações, inaugurando no discurso médico paulista um paradigma de racionalidade que criou, ao mesmo tempo, seu oposto: o selvagem, o louco, o degenerado. Ao longo da Primeira República, a Medicina disputou prestígio social e poder político com o Direito para conseguir também deliberar sobre questões que diziam respeito à administração pública e ao controle do corpo social nacional, buscando desqualificar outras práticas de cura ligadas ao saber popular para galgar seu caminho rumo ao sacerdócio científico.</p>
Palavras-chave: Psiquiatria, Primeira República, São Paulo